

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NO PROCESSO DE DEFESA DE MONOGRAFIAS – TCC**Scientific Communication in the Process of Defense of Monographs – TCC****La Comunicación Científica en el Proceso de Defensa de Monografías – TCC****Autor:** Paulo Luzolo Muanda**Ensaio académico****RESUMO**

Todos os modos de conhecimento do mundo, *prima facie*, fortalecem-se precipuamente a partir de um conjunto próprio de concepções. Nos meandros do que é dito e não dito, a humanidade constitui-se por mérito dessa busca de entendimento do mundo. Para tanto, constrói e desconstrói conceitos, cria fórmulas, inventa e descreve mundos, pensa estruturas, revoluciona sensações e emoções, o social, as formas de vida, o além vida e, inclusive, incorre para uma anamnese daquilo que não pode ser descrito. O presente artigo espelha as lacunas da comunicação científica, *ipso facto*, vislumbradas pelos estudantes do ensino universitário angolano. Não obstante, o propósito deste ensaio académico é, também, gizar um conjunto de técnicas, métodos e princípios com o intuito de desenvolver os critérios de competência comunicativa, de eloquência e de persuasão, uma vez que tem sido evidenciado pouco esforço de os estudantes, vezes sem conta, construir discursos que não sejam enfadonhos na sua composição dialéctica, lógica e retórica, porquanto se entende que é por meio da expressão oral bem conseguida que se convence a audiência, concretamente, a mesa examinadora (júris).

Palavras-chave: comunicação científica; discurso, estudante universitário.**ABSTRACT**

All the modes of knowledge of the world, *prima facie*, are strengthened primarily from a set of conceptions of their own. In the intricacies of what is said and unsaid, humanity is constituted by merit of this search for understanding the world. To do so, it constructs and deconstructs concepts, creates formulas, invents and describes worlds, thinks structures, revolutionizes sensations and emotions, the social, the forms of life, the afterlife and even incurs for an anamnesis of what cannot be described. This article reflects the gaps in scientific communication, *ipso facto*, glimpsed by Angolan university students. Nevertheless, the purpose of this academic essay is also to devise a set of techniques, methods and principles in order to develop the criteria of communicative competence, eloquence and persuasion, since it has been evidenced little effort of the students, time and again, to construct discourses that are not boring



in their dialectical composition, logic and rhetoric, since it is understood that it is through the well-achieved oral expression that the audience is convinced, specifically, the examining board (juries).

Keywords: scientific communication; speech, college student.

RESUMEN

Todas las formas de conocer el mundo, *prima facie*, se fortalecen principalmente a partir de su propio conjunto de concepciones. En los meandros de lo que se dice y no se dice, la humanidad se constituye en mérito de esta búsqueda de comprensión del mundo. Para ello, construye y deconstruye conceptos, crea fórmulas, inventa y describe mundos, piensa estructuras, revoluciona las sensaciones y las emociones, lo social, las formas de vida, el más allá e incluso incurre en una anamnesis de lo que no se puede describir. Este artículo refleja las lagunas de la comunicación científica, ipso facto, vislumbradas por los universitarios angoleños. Sin embargo, el propósito de este ensayo académico es también trazar un conjunto de técnicas, métodos y principios para desarrollar los criterios de competencia comunicativa, elocuencia y persuasión, ya que los estudiantes han demostrado poco esfuerzo, una y otra vez, para construir discursos que no sean aburridos en su composición dialéctica, lógica y retórica, pues se entiende que es a través de la expresión oral bien lograda que se convence a la audiencia, específicamente, a la junta examinadora (jurados).

Palabras clave: comunicación científica; discurso, estudiante universitario.

INTRODUÇÃO

A comunicação científica é a forma de estabelecer o diálogo com o público da comunidade científica – comunicação entre os pares, isto é, entre o candidato ao título académico de licenciatura e os especialistas (membros do júri). Na contemporaneidade, mais do que nunca, a massa societária percebe, com extraordinária clareza, a força da ciência no desenvolvimento dos povos, tanto a nível pessoal quanto profissional e/ou empresarial, embora se saiba, eis senão quando, que o conhecimento científico não é a única fonte de obtenção do conhecimento, a esse, com efeito, se unem o empírico, o filosófico e o teológico. A ciência busca, como destaca Maria Targino no seu artigo sobre a comunicação científica, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenómenos através de métodos sistemáticos e seguros. No entanto, face à dinamicidade intrínseca à própria natureza, seus resultados são sempre provisórios. Ou seja, esses sistemas doxicamente sistemáticos e seguros não têm carácter



permanente. Inserem-se num processo ininterrupto de pesquisa científica, o qual faz da ciência uma instituição social, dinâmica, contínua, cumulativa. Em tal perspectiva, sem pretensões históricas, infere-se que a ciência influencia há séculos a humanidade, criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos fenomenologicamente práticos, ampliando de forma permanente e contínua as fronteiras do conhecimento.

A comunicação, *mutatis mutandis*, é uma área bastante sensível e quem se aventura a estudá-la deve ter, no mínimo, uma envergadura intelectual inquestionável, como o fizera Cícero, e uma arguta visão inenarrável, vimo-lo, hodiernamente, em Steve Jobs 1 . Conhecer os factos e saber localizá-los no tempo e no espaço é uma tarefa hercúlea, porém devamos saber-lhe, com certeza, a história e cultura, pesquisar-lhe as riquezas e dominar-lhe os problemas paradisíacos.

Abinício, sustenta-se que a comunicação é a conexão de pequenas circunstâncias que envolvem o sentir, o conhecer, o pensar e o amar. Logo, à proposição deste artigo, a nossa abordagem é artística (arte em sua substância material) e não doxográfica (em sua substância formal, haja vista que despadronezamos o conceito técnico de comunicação a fim de se achegarmos ao público que no-la lerá).

Daí, a priori, termos trazido à guisa de fundamentação axiológica e estratégica que a retórica é uma arte, e a perspectiva nossa é que, tal quanto nas academias, deve haver um esforço para tangermos a perfeição e com a arte retórica também o mesmo se lho diremos 2 : a filosofia (lógica), a gramática (estilística) e a literatura (poesia poética, sim) são os caminhos pelos quais devamos percorrer com o intuito de dominarmos a arte dos discursos, da oratória, da argumentação, da comunicação, da retórica.

A comunicação é como a vida, o que determina o prazer ou a angústia ante a ela é a plena decisão de aceitação e a do reviver o momento. É exemplo disso, para os cristãos, Jesus Cristo, quando, citando Mateus 5:1-12, viu as multidões, subiu ao Monte

e, depois de sentar-se, os seus discípulos aproximaram-se dele. Ele abriu, então, a boca e começou a ensiná-los, dizendo:

Felizes os que têm consciência da sua necessidade espiritual, porque a eles pertence o Reino dos céus.

Felizes os que choram, porque serão consolados.



Felizes os de temperamento brando, porque herdarão a terra.

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Felizes os misericordiosos, porque serão tratados com misericórdia.

Felizes, felizes, felizes..., lá continuava o discurso mais brilhante da píxide cristã de que se tem notícia. Mais do que nunca, recorrendo à educação formal e informal, contando com a evolução dos meios de comunicação e das tecnologias de informação, a ciência estimula e orienta a evolução humana, interfere na identidade dos povos e das nações, estabelece as verdades fundamentais de cada época. Aliás, a meta máxima da ciência é a ampliação da verosimilitude.

A verdade e a certeza absolutas inexistem, o que faz dos verdadeiros cientistas buscadores da “verdade”, filósofos *sui generis*, mas jamais seus detentores, a quem compete registrar os novos saberes, operacionalizando o chamado mundo objectivo ou palpável. Ao lado do mundo material e do mundo mental, subsiste o mundo objectivo. Este corresponde ao mundo das teorias e de suas relações, dos argumentos e das situações de problema, ou seja, ao mundo do conhecimento objectivo, que incorpora todos os produtos originados do esforço do homem, registado na literatura, nas artes, na ciência e tecnologia. Com base em tais ideias, Popper (1972, 1975) argumenta que a ciência evolui a partir de um processo de corroboração ou refutação de hipóteses e teorias, após análise criteriosa pela comunidade científica. O método científico de verosimilhança caracteriza-se pelo processo de ensaio e erro, o que vale dizer que a ciência avança não como resultado de um processo cumulativo de uma positividade de ideias, mas pela negação de hipóteses e teorias, cuja rejeição aproxima o homem da verdade, ainda que provisória e mutável, por ser histórica, e, por conseguinte, redefinível a qualquer momento.

Além do mais, a relação da ciência com a sociedade é fundamentalmente dinâmica e interactiva. A ciência determina mutações sociais e, ao mesmo tempo, recebe da sociedade impactos que a (re)orientam em busca de novos caminhos que lhe possibilitam responder a -novas demandas e assumir novas prioridades. Esta relação de confrontos e cooperação entre ciência e sociedade é elemento gerador de crises, das quais resultam recuos e avanços, e a propalada crise dos paradigmas. Teorias são contestadas, revistas e questionadas por sua auto-suficiência, por seu absolutismo, observando-se crescente busca de uma ciência pluralista, capaz de perceber e respeitar a totalidade dos fenómenos, dentro de uma visão holística.



De um tempo a esta parte, têm sido ouvidas com atenção as intervenções dos estudantes nas defesas e apresentações das Monografias (TCC) e, desapaixonadamente, há um sentimento de “deselegância” que perpetuamente se instala no seio académico, porquanto as técnicas de comunicação, olhando para a componente da oralidade, não têm tido a familiaridade exigida com os estudantes, haja vista que eles não ensaiam o pensamento crítico e o lógico.

Quando nas escolas se apela à abstracção ou ao poder de raciocínio, por exemplo, os estudantes ficam perdidos, com raríssimas excepções. Sabem até, minimamente, repetir à tangente, decorar os conceitos, porém a dedução/indução lógica, o pensamento criativo, como nos ensina o professor Luft, é algo totalmente acima de suas juvenis cerebrações. Ainda diz o eterno mestre que essa deficiência do pensamento lógico e do poder de arrazoar, naturalmente, vai reflectir-se no fraseado: incoerências, desconexão, falta de equilíbrio, obscuridade, impropriedade de termos e todo o resto.

A única maneira de tirar o estudante do estado “moribundo” em que se encontra é, tanto quanto se saiba, investir seriamente no fomento de debates, que não tenham pendor erístico ou ver quem é o vencedor ou o perdedor, porque a comunicação é uma máquina a qual se reveste de uma importância que transcende os limites sensoriais do homem.

Todo o brilho, toda a beleza, toda a expressão da verdadeira eloquência resiste ao tempo, imortaliza-se na lembrança, permanece viva e indelével na emocionada memória dos que participaram daquele mágico instante de criação, em que um homem pela simples força, foi capaz de render a seus pés a multidão maravilhada. Assim, faz-se mister dizer que há casos em que o estudante, e porque é natural, tem a fobia de expor as suas ideias. Esta arte de falar em público inicia-se com o auto-conhecimento e a identificação do perfil comunicativo, porque há factores que influenciam na apresentação, dentre os quais, temos os genéticos, ambientais, emocionais, biológicos e psicológicos.

Os sintomas são manifestados pelo medo do constrangimento e da rejeição. Por conseguinte, a glossofobia, o medo de falar em público, que é, diga-se, patologia, pode estar directamente relacionada com as experiências passadas.

DESENVOLVIMENTO

A comunicação é tida como um processo de compreensão, integração, consecução de mensagens enviadas e recebidas (*feedback*). Ou seja, é a transferência de algo imaterial, que



trabalhado se torna material, à esfera de outrem. Assim sendo, buscar conceptualizar a comunicação é fazê-lo partindo da diferença cuja qual há entre informação e conhecimento.

Diante disso, entende-se por comunicação, *sui generis*, como a partilha de pensamentos, sentimentos e conhecimentos entre uma colectividade de gentes na qual temos como elementos interventores o locutor (o produtor do conteúdo), o interlocutor (o decodificador), a mensagem (a matéria), o canal (meio transmissor da matéria), o código (a pista de conexão, signo linguístico) e, por fim, o contexto (o ente envolvente e catalisador da comunicação). A seguir, a informação é uma comunicação fechada e directa, ou melhor, não há conexão de diálogo entre o locutor e o interlocutor, e o conhecimento, portanto, é a experiência trazida pelo emissor no desenvolvimento da comunicação e da informação. Depreende-se que a comunicação é geral, a informação é particular e o conhecimento, dependente.

Para que se domine o palco e o estudante universitário brilhe na sua apresentação, serão descritos alguns pilares da comunicação científica para a defesa das monografias. A comunicação, como qualquer construção civil, *mutatis mutandis*, necessita de preparação (início), projecção (meio) e consumação (fim) dos actos comunicativos, ou melhor, o candidato precisa de trabalhar a oratória tendo em vista:

1. Auto-conhecimento

A oratória não é apenas o que falamos, mas como, o modo de falar. Comunicação é conexão, é transmitir uma história, emoção. Quando se compreende o estilo por meio do auto-conhecimento, pode-se direccionar melhor a linguagem, gerir as emoções e direccionar o que se espera de resultado. Tudo envia uma mensagem – comunica. O primeiro passo é aprimorar a consciência corporal e auto-percepção. Para tal, faz-se um raio-x da postura, do tom de voz, da respiração. Podem-se gravar as apresentações ou até mesmo treinar a fala gravando pelo telemóvel, seja por vídeo, seja por áudio. Com isso, poder-se-á mapear os pontos de ajuste e colocar em prática as melhorias. O “pulo do gato” é a prática, pois muito do que comunicamos vai além da fala, incluindo a comunicação não verbal como o gestual do corpo e a voz.

Por causa do nervosismo, da ansiedade ou até mesmo do medo de falar em público, muitos estudantes entram em pânico e esquecem-se da importância do tom de voz, da gesticulação e da postura. Outros gesticulam desordenadamente, uns começam com um tom de voz impactante, depois, repetidamente, se desconectam esquecendo o relevo da audiência.

1.1. Respiração



A comunicação é um conjunto de conteúdo, corpo e voz. Não obstante, ritmo, melodia, memória e voz são as estruturas da mecânica da fala, essa é a ferramenta que permite a conexão entre o falante e a audiência.

Assim, o ar é o combustível da fala e a respiração é o motor. Desenvolver a inteligência emocional, com a gestão das emoções, é uma forma de nomear o que se sente no momento da apresentação, por exemplo. Se se conhece o problema, pode ser gerido. Outra ferramenta é o uso das pausas durante a fala. Ela é essencial nas transições, para que se consiga elaborar melhor a condução, dar tempo para o ouvinte absorver todas as informações e gerar conexão. A comunicação precisa de ser envolvente, e não monótona.

Há estudantes que perdem o “ar” na defesa da monografia e o modo correcto de se contornar a isso é ensaiar a projecção linear, ascendente e descendente. Recordar que a voz é a nossa identidade, é por meio dela que definimos a nossa tristeza, alegria, emoção, autoridade, força, fraqueza, medo, preocupação, susto, nervosismo, entusiasmo.

1.2. Postura

A consciência corporal é tão importante quanto o conteúdo e a fala. Os elementos corporais apoiam de forma significativa na absorção do conteúdo para que o ouvinte se conecte com a mensagem. Observe a postura no espelho, grave a apresentação para avaliar os movimentos. Note, também, quanto utiliza o espaço, caso sua apresentação seja presencial ou o excesso de movimentação das mãos. O nervosismo, por exemplo, pode gerar agitação corporal e tirar o foco da narrativa.

1.3. Voz

Encontrar a entonação correcta vai deixar a assistência e os membros do júri à vontade para receberem a mensagem da maneira que se espera. A audiência espera ritmo, dinamismo, e não algo monótono, sem emoção. Oscile a energia, entonação, coloque sentimentos para conectar os exemplos da sua fala. Perceba quando precisa de empolgar as pessoas ou trazer uma projecção mais séria e utilize a entonação a seu favor.

Dê ênfase às palavras e aos pontos que precisam de destaque para dar um toque especial à sua narrativa, pois assim a sua apresentação será um mar de prazer e não de dor, sofrimento.

1.4. Conteúdo



As pessoas conectam-se a histórias com autenticidade. Tenha clareza de qual será seu objectivo da fala e crie o roteiro que leve para esse resultado esperado.

Nesta seara, a comunicação científica obedece igualmente a estruturas como:

2. Imagem pessoal, ética e postura em palco

Após muitos meses a preparar-se para o TCC, pesquisando, redigindo, editando, formatando o trabalho e se preparando psicologicamente para apresentá-lo, ainda resta uma outra preocupação: com que roupa ir?

Na grande maioria dos casos não existe uma regra rígida quanto ao que vestir na apresentação do TCC, mas os estudantes devem ficar atentos para não exagerar com roupas extravagantes ou que não estejam dentro do exigido pelo curso.

Ainda que a banca examinadora não tire pontos devido à indumentária, o estudante corre um risco sério de se sentir constrangido e prejudicar sua apresentação se estiver desconfortável com a roupa a qual usa.

3. Planeamento de TCC

O planeamento de TCC é a etapa mais importante de toda, pois, a partir de um planeamento bem definido o estudante pode começar a fazer seu trabalho com metas e prazos estabelecidos. A partir de um planeamento sério que o aluno siga “religiosamente”, é possível estimar o tempo de pesquisa, a etapa de criação do corpo do texto, *slides*, acústica, música de fundo, caso se precise, luminosidade da sala de apresentação, roteirizar a apresentação, ensaiar a apresentação sozinho ou com seu grupo e, é claro, saber o que irá vestir neste importante dia.

Portanto, planeie todo o trabalho levando em conta os mínimos detalhes, inclusive a vestimenta que será utilizada por si ou por seu grupo no dia da apresentação. Veja se o planeamento da vestimenta está de acordo com a instituição e as exigências do curso. Por exemplo, um curso de Direito cobra que o estudante se vista formalmente no dia da apresentação. Um curso de Química, Enfermagem, Física, Engenharia, pode ou não exigir que o aluno esteja a usar fato social no dia da apresentação. O importante é atentar-se quanto à indumentária com a certeza de que está tudo certo em relação às cobranças feitas pela instituição.

3.1. Preze pelo conforto

Tendo como base que o curso ou a instituição exige uma determinada roupa no dia da apresentação, faça com que o modelo de roupa dentro deste critério seja do seu agrado. Em um



curso de Direito, por exemplo, a exigência é que o aluno esteja vestido com formalidade, utilizando terno preto, gravata discreta e sapato social se for homem. Se for mulher, um vestido social cinza ou preto próximo do joelho ou calça social preta, camisa branca, *blazer* preto e um sapato discreto, com certeza vai permanecer dentro dos critérios.

Escolha a roupa dentro dos critérios de exigências e formalidade com base na ocasião que mais lhe conforte. Por exemplo, supondo que você é uma mulher e irá apresentar um TCC de Direito, escolha um vestido social preto ou cinza que lhe caia bem. Você deverá estar a sentir-se confortável e sem preocupações quanto a isso. Se achar que o vestido não está a ser a escolha certa, opte por uma calça social, *blazer* e camisa.

3.2. Evite roupas que chamem a atenção

Roupas que chamem a atenção sem necessidade são armadilhas no dia de apresentar o TCC. Considerando que o TCC é um trabalho que já exige do psicológico do estudante, estar com uma roupa que pode ser motivo de descontentamento com base na ocasião é algo para se preocupar. Evite roupas estampadas, vestido curto ou decote, um terno colorido, ou estar descaracterizado. Por exemplo, num curso que exige estar vestido com roupa social, chegar no dia da apresentação de calça *jeans*, ténis e *t-shirt* é uma afronta e, com certeza, isso prejudicará sua nota do TCC. Pode ser que em alguns casos mais rígido o estudante nem possa apresentar o trabalho por não estar vestido de acordo com as exigências.

3.3. Dê preferência por um *look* escuro

Utilizar um *look* escuro, se isso não for contra o que foi determinado para si pode ser uma salvação em diversos sentidos, um deles é evitar que o seu nervosismo seja visto por meio de uma roupa transpirada. Roupas escuras ajudam a esconder marca de transpiração provocada por tanta correria e nervosismo de ter que argumentar algo em público. Além disso, se estiver a sentir-se acima do peso, roupa escura fornece uma sensação de conforto quanto a isso.

3.4. Cumprimento cordial

A banca examinadora deve ser cumprimentada de forma cordial. Respeito e cordialidade devem ser os conceitos básicos da sua apresentação, e para que esses dois conceitos sejam mantidos, terá que seguir os seguintes cuidados:

- ☞ - Não se atrasar;
- ☞ - Não pedir desculpas repetidas vezes;
- ☞ - Dizer sempre: bom dia, boa tarde ou boa noite a todos;



- - Cumprimentar todos da banca, sem nenhuma exceção;
- - Apresentar-se para a banca e para a assistência;
- - Falar de forma que todos entendam.

Ex.:

Estudante: bom dia, respeitosos membros do júri!

Banca: Bom dia, sim, caro aspirante!

Estudante: Bom dia a todos! Meu nome é Paulo William, sou estudante do curso de Pedagogia e vou apresentar um trabalho de conclusão de curso com o tema “Educação Inclusiva: Quais são as principais dificuldades vivenciadas nas escolas públicas”.

Nota-se, com esse exemplo, que não é preciso fazer nenhum curso de etiqueta para ser respeitoso e cordial. Só precisa de falar calmamente, de forma clara, objectiva e com muita educação.

3.5. Principais erros ao cumprimentar a banca

Chegar atrasado: sim, imprevistos acontecem, mas chegar atrasado é péssimo, principalmente para uma apresentação tão importante quanto o TCC. Quando isso acontece, a banca fica impaciente e já começa a duvidar da credibilidade do seu trabalho. Para evitar esse erro, planeie para sair de casa uma hora antes a que está acostumado. Assim evita chegar atrasado, caso aconteça algum imprevisto. Concretamente, o trânsito da cidade de Luanda não facilita a locomoção, eis o motivo qual se deve sair cedo.

Não cumprimentar a todos: a educação é muito bem-vinda em diversas situações. Passar por alguém e não cumprimentar é visto como uma falta de educação enorme, principalmente quando se está a cumprimentar os demais integrantes da banca. Então, não se esqueça de nenhum examinador e nem mesmo da assistência. Todos merecem respeito!

Ser informal: cumprimentar os examinadores e a assistência como se estivesse numa roda de amigos poderá comprometer sua apresentação. Gírias como “é pá”, “né”, “tá”, “yhá”, “eh”, “em que na qual (e suas variáveis)”, entre outras, não podem fazer parte da sua apresentação, ainda mais no momento que for cumprimentar a banca examinadora.

Falar baixo demais: algumas pessoas são tão tímidas que ao falar a voz sai muito baixa. O maior problema nesse caso é que as pessoas podem não ouvir e pensar que nem mesmo disse “bom dia” ao iniciar sua apresentação.



5. Dicas de como se portar durante a apresentação

Saber o que fazer e o que não fazer ao cumprimentar a banca no dia da sua apresentação, agora deve ter em mente alguns conceitos básicos de como se portar ao longo da apresentação. Confira todas essas informações a seguir:

5.1. Apresentar-se

Depois que cumprimentou todos os examinadores e a assistência, deve apresentar-se. A apresentação nesse caso deve ser feita inicialmente pelo seu nome, seguindo com o nome do curso e do tema da Monografia. Caso a apresentação seja em grupo, o primeiro a falar deve apresentar todos os outros integrantes.

Caso não seja o primeiro a apresentar, quando for sua vez, deve cumprimentar a todos novamente e dizer seu nome cordialmente.

Alguns exemplos:

Estudante em apresentação do grupo: Bom dia a todos! Meu nome é Francisco Benguela, e esses são: Francisco Gomes, Flávia Miranda e Branca da Silva. Somos estudantes de Direito e apresentaremos um TCC sobre “A história do Direito Penal em Malanje”.

Estudante em apresentação sozinho: Bom dia a todos! Meu nome é William Bravo, sou estudante de Direito e apresentarei um TCC sobre “A história do Direito Penal em Malanje”.

5.1. Respeitar a apresentação do outro integrante

Esse é um ponto muito importante sobre respeitar o outro. Em apresentações em grupo, deve portar-se como um verdadeiro ouvinte quando um parceiro estiver a apresentar determinada parte do TCC. Isso mostra o quanto o grupo todo está envolvido com o trabalho e o quanto respeita os seus colegas de equipa.

Além disso, se a banca examinadora perguntar a si algo relativo à explicação do seu parceiro, deverá responder prontamente sem ter que perguntar sobre o que ele estava a falar.

5.2. Cuidados com a linguagem

Saber o que falar é importante, porém, é fundamental saber como falar. Gírias, palavras de contexto informal, palavras de baixo calão, entre outras, não devem ser mencionadas durante sua apresentação, a não ser que esse seja o foco do seu tema.



Não somente os costumes linguísticos, mas também erros de pronúncia e de português. Imagine que ao apresentar seu TCC o estudante/ a estudante/ o senhor ou senhora é visto como um profissional com grande domínio sobre o assunto discutido. Por isso, é fundamental que saiba falar correctamente respeitar o português, a cordialidade e os aspectos de uma conversa formal.

Atente nas dicas adicionais:

- Escute as críticas sem debater com os examinadores;
- Converse com os examinadores e com a assistência;
- Não decore sua apresentação, e nem mesmo faça apenas leituras de *slides*;
- Sempre tire dúvidas, quando questionado por qualquer pessoa;
- Não dar costas à banca e à assistência;
- Não meter as mãos nos bolsos nem cruzar os braços;
- Não se prenda aos *slides*, leia apenas dados importantes, nomes de autores, frases memoriais, expressões estrangeiras;
- Faça movimentos suaves, não atravesse de um lado para o outro;
- Deve-se prestar muita atenção às cores, assim, a vermelha e a amarela devem ser evitadas, já que são estimulantes e podem causar irritação. A cor universal para os trabalhos científicos é a preta, pois é associada à força, à formalidade, à elegância e à seriedade que a ciência exige. Evitar as cores: azul turquesa, lapiseira, marinho; amarela; rosa; vermelha; verde esmeralda, água, turquesa, azeitona.
- Siga um cronograma, não há nada pior do que prolongar uma apresentação por não conseguir explicar algo de forma objectiva e rápida.

6. Erros frequentes de português

1. Precisa-se ou Precisam-se

Precisa-se de pessoas que lembrem: quando o “se” indica índice de indeterminação de sujeito, o verbo é sempre conjugado na 3.^a pessoa do singular, nunca do plural.

Lembrando que o índice de indeterminação do sujeito é acompanhado de verbos intransitivos, de ligação ou transitivos indirectos, como neste caso. Afinal, quem precisa, precisa de alguma coisa.

Por isso, precisam-se está errado!

2. Anexo, Anexa ou Em anexo



A dúvida anexa é um dos erros anexos mais comuns.

Anexo é um adjetivo, tal como bonita. Assim, foto bonita, foto anexa, certo? Foto em bonita, foto em anexa? Não, não pode ser.

Então, em anexo está errado!

3. A você ou À você

Além da dúvida quanto à ortografia, esse pronome de tratamento também confunde na hora da crase.

A você que não quer errar mais, dedico este ponto. A crase só existe quando o artigo “a” se une à preposição “a”, o que não acontece neste caso.

A senhora, a vossa alteza, por exemplo, podem ser antecedidas por artigo “a”, mas “a você” não dá. Então, esqueça a crase. À você também não existe!

4. A ou Há

Daqui a pouco o aluno/a aluna; o senhor/a senhora terá mais dúvidas, pois isto é muito fácil. Quando estiver a falar do futuro deve usar “a”, mas se estiver a falar do passado, use o “há”.

Há pouco eu disse que o senhor não teria mais dúvidas, não disse?

5. Em vez de ou Ao invés de

“Em vez de” significa uma coisa no lugar de outra. “Ao invés de” tem o sentido de contrário.

Em vez de explicar, vamos ao exemplo, ao invés de deixar que as pessoas fiquem mais confusas.

6. Ao encontro de ou De encontro a

“Ao encontro de” tem o sentido de mesma direção. “De encontro a” significa direção contrária.

Espero que essa explicação vá ao encontro das suas expectativas. Se for de encontro, ficarei muito aborrecido!

7. Através de ou Por meio de

“Através de” carrega a ideia de atravessar. “Por meio de” indica o instrumento utilizado para determinado fim.



Através da janela posso ver o que o professor escreveu no quadro. É por meio dele que eu consigo aprender alguma coisa.

8. A princípio ou Em princípio

“A princípio” é usado para expressar tempo inicial. “Em princípio” é sinônimo de “em tese”.

A princípio estavam confusos, mas em princípio todos parecem ter aprendido.

9. Senão ou Se não

“Senão” tem o mesmo sentido de “caso contrário”. “Se não” é uma expressão que impõe condição. Se não aprender agora, ficarei desapontado. Senão podemos tentar de outra forma.

10. Onde ou Aonde

“Onde” indica a localização de algo. “Aonde” tem o mesmo sentido de “para onde”.

Onde estamos mesmo? No ponto n.º 12. E aonde vamos a seguir? Para o ponto n.º 13.

11. Onde ou Em que

“Onde” e “em que” são usados quando fazemos referência a um lugar.

Quando não há referência a lugar somente “em que” deve ser utilizado.

Onde acaba esta conversa? Vamos arejar um pouco e terminar a aula ao ar livre. Lá

(naquele lugar, ao ar livre) terminaremos a nossa conversa sobre erros de português. Sem tempo para conversar mais, aquele livro que indiquei em que há vários problemas gerais com a língua, ajudará você em dúvidas futuras.

12. Ratificar ou Rectificar

“Ratificar” é o mesmo que confirmar. “Rectificar” é o mesmo que corrigir.

Ratifico que compreendo as suas dúvidas, mas a partir de agora você já consegue rectificar algumas.

13. Entre mim e você ou Entre eu e você

Agora é entre mim e você: vamos acabar com essa dúvida de uma vez!

As preposições vêm sempre seguidas de pronomes pessoais do caso oblíquo (mim, ti) e nunca de pronomes pessoais do caso reto (eu, tu).



Isso quer dizer que entre eu e você está errado!

14. A fim ou Afim

“A fim” significa finalidade, enquanto “afim” indica semelhança.

A fim de você entender, leia isto com atenção. É este o nosso objectivo afim:
esclarecer dúvidas e eliminar erros de português.

15. Tem ou Têm

A forma “tem” é a conjugação do verbo ter na 3.^a pessoa do singular. “Têm” é a conjugação do verbo ter na 3.^a pessoa do plural.

Ele tem menos dúvidas agora. Eles têm mais chances de escrever melhor.

16. Assistir ao ou Assistir o

“Assistir ao” tem o sentido de ver. “Assistir o” significa dar assistência.

Assisto ao debate na sala de aula. De seguida, assisto os alunos com as dúvidas que discutiram.

17. A nível de ou Em nível de

“A nível de” tem o sentido de nivelar. “Em nível de” é o mesmo que “em termos de”.

Em nível de erros de português, prometo ajudar você a chegar a um nível que nunca tinha chegado antes.

18. Chego ou Chegado

Se a dúvida é qual o participio do verbo chegar, a resposta é chegado. Como sempre, eu tinha chegado atrasado.

É normal que você tenha essa dúvida, afinal há muitos verbos que têm mais do que uma forma de participio, a regular e a irregular. Por exemplo: aceitado e aceito, matado e morto, prendido e preso.

Chego é a conjugação do verbo chegar na 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo: Eu sempre chego atrasado.

19. Mal ou Mau

“Mal” é o contrário de bem. “Mau” é o contrário de bom.



Mal eu terminei de explicar e você já entendeu. Agora, vai ser muito mau se você voltar a cometer o mesmo erro.

20. À medida que ou Na medida em que

“À medida que” equivale à “à proporção que”. “Na medida em que” tem o sentido de “porque”.

À medida que você aprende, fica mais descansado, na medida em que terá mais chances de passar em qualquer concurso.

21. Mas ou Mais

Mas significa “porém; Mais é o contrário de menos.

Vocês está a ficar cada vez mais esperto, mas não pense que já sabe tudo. Ainda temos alguns pontos pela frente.

22. Perca ou perda

Perca é uma forma de conjugar o verbo perder. Perda; é um substantivo, que é o contrário de “ganho”.

Não perca tempo! Vamos a mais exemplos:

- Que eu perca tudo, menos a minha paciência. Afinal, essa seria uma grande perda.

- Perca o seu tempo como quiser. Estudar não é perda de tempo.

23. Obrigado ou Obrigada

Se quem agradece é do sexo masculino, deve usar sempre “Obrigado”. Se quem agradece é do sexo feminino, deve usar sempre “Obrigada”.

“Obrigado”, dirá o aluno. “Obrigada”, dirá a aluna.

24. A meu ver ou Ao meu ver

É isso mesmo, tanto “a meu ver” como “ao meu ver” são expressões que podem usadas. No entanto, “a meu ver” é mais aceita, por ser a mais clássica.

Ao meu ver isto ficou esclarecido. Mas, a meu ver, os gramáticos preferiam condenar uma das expressões.

Então, ao meu ver não está errado, mas de preferência vamos usar a meu ver;.

25. Por hora ou Por ora



“Por hora” faz referência às horas. “Por ora” tem o mesmo sentido de que “por enquanto”.

Vamos dedicar-nos a quatro erros de português por hora. Por ora, penso que conseguiremos nos organizar assim.

26. Chegar a ou Chegar em

De acordo com a norma culta, quando você chega, chega a algum lugar. É muito comum ouvirmos “chegar em”. Isso até pode indicar que a língua se transforma com o tempo, mas na dúvida, use sempre “chegar a”.

CONCLUSÃO

O candidato ao título de Licenciatura deve munir-se de competências comunicativa e linguística a fim de saber adaptar-se à realidade de cada cidadão, pois se usa da linguagem verbal para conectar-se, criar situações de empatia, transmitir segurança e, mais do que nunca, saber que para além da linguagem directa, das frases curtas, dos parágrafos pequenos, da correcção gramatical e da riqueza de vocabulário, os quais se impõem, deve não mais pecar pelo abuso de efeitos para chamar a atenção a determinados pontos dos seus textos lidos ou falados.

Portanto, esse ensaio académico é uma tentativa de vislumbrar o outro lado da moeda da comunicação realizada pelos académicos. Sugere-se que invistam neste poderio ou ferramenta de aferição de resultados, pois é, qualquer elemento a que se refira, a chave para o desenvolvimento empresarial, pessoal e social. Falar bem é dar um abraço sonoro a quem nos ouve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Medeiros, J. B; Tomasi, C. (2013). *Português Forense, Língua Portuguesa para Curso de Direito*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Polito, R. (s.d)- *Como falar correctamente e sem inibições*. Editora Saraiva.

Platão, F. P. S.; Fiorin, J. L. (1995). *Para entender o texto: leitura e redacção*. 4 edição. São Paulo: Editora Ática.

